

# Roseana, uma novidade duradoura

Candidata do PFL ao Planalto conquista eleitores, consolida adesão partidária e prepara maratona de viagens pelo País

LYDIA MEDEIROS

O suave inverno carioca, emoldurado pela vista da praia de Ipanema, dissipou qualquer névoa de hesitação. Da cobertura de um hotel de luxo da zona sul do Rio Roseana Sarney tomou a decisão que mudaria sua vida e as previsões eleitorais de 2002. Em julho passado, a governadora do Maranhão jantava em volta da piscina com o marido, Jorge Murad. O ex-deputado Saulo Queiroz, secretário-geral do PFL, e o jornalista Antonio Martins, assessor do partido, dividiam a mesa com o casal. Queriam o sim de Roseana para dedicar-lhe o programa político que iria ao ar em rede nacional no mês seguinte. Murad ajudou: "O PFL precisa dessa definição". Saulo garantiu que o partido bancaria a escolha do publicitário Nizan Guanaes, eleito pela governadora para apresentá-la ao País; Roseana capitulou. Saulo não esperou a sobremesa. Rumou para o aeroporto. O trabalho pedia urgência.

Até ali, os eleitores não dedicavam à governadora mais de 8% das intenções de voto. A exibição do programa partidário em horário nobre mudou tudo. A primavera transformou Roseana em fenômeno, senhora de um quinto das preferências. A primeira brasileira a se candidatar ao Palácio do Planalto pode terminar o verão nos calcanhares do líder da corrida presidencial, o petista Luiz Inácio

Lula da Silva. Os comandantes da campanha estimam que terá entre 23% e 25% dos votos nas próximas pesquisas. Lula hoje conta com cerca de 30%.

Os números incentivam a ambição de Roseana. Em 31 de janeiro, voltou à TV e falou sobre segurança pública. Uma semana depois, sondagem realizada em São Paulo para o PFL conferiu-lhe 23% dos votos. A Lula, 25%. Dez dias antes de o programa ir ao ar, 28% dos paulistanos pensavam em dar o voto ao petista e 17% à governadora.

Roseana, 48 anos, uma filha e dois netos, conhece a casa que pretende ocupar a partir de 2003. Cresceu na política e tomou gosto pela intimidade do poder durante a Presidência do pai, José Sarney (1985-1990). Elegeu-se deputada federal em 1990, amargando a baixa popularidade paterna no último ano de governo, explorada à exaustão na campanha de 1989. Vingou-se. Trabalhou com afinco pela queda de Fernando Collor. Era chamada de "musa do impeachment".

Depois de oito anos no Palácio dos Leões, uma fortaleza do século 18 de frente para o mar, Roseana mostra-se segura diante do desafio. Não se permite o desânimo. Na última semana, abatida por uma forte gripe e quase afônica, a mulher que carrega 14 cirurgias na ficha médica esgrimiu dados para defender sua administração. Percorreu, no



Roseana comemorou com Joãozinho Trinta o desfile no sambódromo. Agora, despede-se do governo maranhense e entra na campanha

Rio, os conceituados gabinetes da Fundação Getúlio Vargas e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), entidades que montam para o governo do Maranhão programas com o objetivo de aproveitar melhor o dinheiro destinado aos pobres.

Bem ou mal, nem nos tempos de Sarney o Maranhão foi tão co-

mentado. Pelas mãos do carnavalesco Joãozinho Trinta, lendas do Estado desfilaram no sambódromo carioca. Roseana patrocinou boa parte da festa da Grande Rio - cerca de R\$ 2 milhões. Na sexta-feira, abraçou os sambistas no barracão da escola.

No vocabulário do PFL, os verbos desistir e renunciar sumi-

ram desde dezembro, quando os índices de Roseana se consolidaram na casa dos 20% - quase a soma dos eleitores de Minas e do Centro-Oeste. Na quinta-feira, o presidente do partido, senador Jorge Bornhausen (SC), licenciou-se para cuidar de Roseana em tempo integral. A partir de 4 de abril, ela será apenas can-

didata. Deixa o governo e vai rodar o País. Até lá, será protagonista de eventos políticos. O maior deles, em 7 de março: governadores, ministros, parlamentares e líderes do PFL se reúnem em Brasília em torno da primeira chance concreta de chegarem ao poder pelo voto, não pela adesão